



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

DULCE. A ENGEITADA

POR FERNANDA DE MATOS E SILVA — DYNETTE

DESENHOS DE ADOLFO CASTANÉ

BATIAM, compassadamente, dez horas, na torre da capela da aldeia. O adro estava coalhado de povo, que em continuo vai-vem se agitava ante as tendas que os feirantes tinham armado, debaixo das copadas arvores seculares, estendendo as suas mercadorias sobre mantas de listas berrantes ou sobre tóscas mesas de pinho cobertas com papel de séda, caprichosamente recortado. Um vozear continuo, atordoador, enchia, o ar puro e translúcido, de confusa sinfonia.

Aqui, era o apregoar alegre das vendeiras de fruta e hortaliças; mais além o vozear dos mercadores discutindo e regateando a superior qualidade das suas fazendas, a beleza do rico colorido e a barateza dos seus preços; e um pouco mais longe o convite persuasivo dos euriesses, junto das suas tendas cintilantes de ouro e pedras polí-cromas, brilhando sob a luz clara do sol.

Grupos de garotos atravessavam correndo por entre os grupos, colhendo sopapos e maldições pelos incomodados feirantes, ou paravam estarecidos em frente das me-

sas de quinquelharias, bugigangas que apeteciam aos seus olhos ávidos e admirativos.

Numa azafama, atravessavam atarefadas, seguidas de perto pelos cachopitos mais novos, as aldeãs, cestos a abarrotar com as mercas de domingo, com as quais sonhava a pequenada, toda a semana, sempre á espera que a venda da criação ou de algum porquito, tentasse a generosidade materna na compra de um apito ou um pião.

Num recanto do adro, um grupo alegre de camponeses moços esparecia dos severos e rudes trabalhos que os ocupára de sol a sol toda a longa semana, dansando uma lenta dança de roda, ao som de um «harmonio» que um rapaz louro e corado tocava lindamente, cantando ao de-

(Continua na página 3)



Saricote

Maxixe

Musica de Alberto Pimenta

ff.

vo

D.C.

(Continuado da página 1)

safio com as moçoilas da roda. Uma chusma de curiosos basbaques, velhos e novos, seguia com interesse a dança cadenciada, e chuiam os alegres comentários, seguidos de estrondosas gargalhadas.

A poucos passos do animado grupo, um outro se formou em breve, não menos entusiasmado e barulhento, de gente miúda.

A organizadora, uma pequena dos seus dez anos, a Mariana, cabelos de ouro e rosto corado e risonho, era a filha querida e amimada de um dos mais ricos lavradores das redondezas, camponês honrado, mas surdo para tudo o que fôsse caridade, e alheio á dor do proximo.

Por isso, Mariana tinha as suas amigas e companheiras de brinquédos entre as pequenas mais gradas da terra, filhas de lavradores abastados ou remediados.

As vózitas estríduladas esforçavam-se por seguir o compasso da canção, enquanto os pésitos, calçados de grossas tamancas ou finas chinélinhas de polimento, rodopiavam ao som daquela mazurka aldeã.

Pé ante pé, uma figurita, gentil e tímida, acercou-se do garrulo grupo e, aproveitando um momento em que mais duas dançarinas entravam para a roda, deu-lhes as mãos e entrou também.

A sua voz, afinada e cristalina, em breve se juntou ás outras vozes e no rosto moreno de moura, os olhos chisparam de alegria, entreabindo-se-lhe a boca graciosa, num esgar de imensa felicidade.

Há tanto tempo não brincava, se não juntava ás outras crianças da sua idade, que um bem-estar lhe aligeirou a alma e sentiu-se a mais feliz pequena deste mundo.

Mas Mariana, que até aí distraída pela marcha da dança e a alegria do movimento, não reparára nela, viu-a de repente e, corando de indignação, parou colérica.

— Que fazes aqui, atrevidona? Como te atreves a misturar-te connosco; tu, uma filha, Deus sabe lá de quem?! Uma engeitada... Fôra da roda, fôra! gritou a sua voz dura e cortante, ainda há pouco suave e harmoniosa.

Encontrões e murros, faces enfurecidas, mesmo uma



pedra atirada não se sabe de onde, veio ferir a mão comprida e morena de Dulce, que, pálida, os olhos baixos, perturbada por aquela demonstração pública de repulsa, se foi encostar ao muro da capela, o coração ainda mais chagado do que a mão, de onde escorria em fio o seu rubro e generoso sangue.

Fôra sempre assim. Desde que se lembrava, que o

SARICOTÉ (MAXIXE)

VERSOS DE AUGUSTO DE SANTA-RITA — MÚSICA DE ALBERTO PIMENTA

ERA uma vez um macaco,
que era quasi um chimpanzê,
bastante astuto, velhaco,
chamado Saricoté

Viera dentro dum sacco,
lá dos sertões da Guiné,
trazido por um polaco,
chamado Pohl Vernié.

Usava calças, casaco,
colete, joias e até
bolshinha para tabaco,
e caixa para rapé.

Ora este Saricoté
posuia um grande fracol
— imitar o Vernié,
não lembrar nunca um macaco.

Andava sempre de pé,
como o seu dono polaco;
mas, por fim, teve um filé
com que deu grande cavaco.

Meteu-se-lhe na tiheta,
ou seja na cachimónia,
andar numa bicicleta,
qual cidadão da Polónia.

E, logo, com ar de atleta,
e toda a sem-cerimónia,
— (mas semelhando um pateta,
ou natural da Parvónia).

monta na dita e, bem lépido,
eis começa a pedalar,
decidido, ágil, intrépido,
a-fim-de se exercitar.

Porém, meia hora ao cabo
de pedalar: — zumba, zumba...
emaranhou-se-lhe o rabo
nos raios da roda e... pumba,

deu tamanho estenderete,
que jurou p'ra nunca mais
montar numa «biciclete»,
como os humanos mortais.

Desde então Saricoté
começou a entristecer.
Sabeis, leitores, porque?
E' fácil de perceber.

E' bem de ver; compreendê-se
a grande mágoa do mono,
é que o seu caudal apêndice
o distanciava do dono,

não o deixando passar
por um ser da humana raça!
E pôs-se, então, a chorar
a sua grande desgraça.

Mas nisto, vai senão quando,
a meio do seu caminho,
dá com um homem serrando
um grande tronco de pinho.

Olha-o... E, sem que desceira
a bocarra em grande lauda,
pede ao homem que lhe serre
a sua comprida cauda.

Volve-lhe o outro: — pois não
com muito prazer até;
mas com uma condição
amigo Saricoté,

deixar-se amarrar... Bem vê
que é melindrosa a operação,
mas deixa de ser o que é,
passa a ter consideração.

Ouvindo tal tagaté
— (ao que leva a presunção!)
o nosso Saricoté,
macaco de imitação,

dispõe-se ao grande suplicio,
com bastante heroicidade,
dando a cauda em sacrificio
da sua estulta vaidade.

Mas já de regresso, ao cabo
daquella imensa tortura,
com um grande ar de nabado,
ouve a certa criatura:—

— «Olha, um macaco sem rabo!»

pensamento se lhe abria para a compreensão, vira-se sempre escorraçada, escarneida, posta à margem sem dó, sem piedade, com uma crueldade que feria o seu meigo coração, todo bondade, todo o amor, e que não atinava em compreender a razão daquele desprezo imerecido que a punha mais humilhada do que a mais infima pedrinha pisada por toda a gente. Todas a desdenhavam, todos a maltratavam; via o escárnio e a desconfiança em quasi todos os olhares, e se tentava, numa necessidade de compartilhar a vida e as brincadeiras das outras crianças, aproximar-se delas, vinham as palavras cruéis, os actos violentos e tocos, velhos e novos, se voltavam contra ela como se tivesse procedido mal e fôsse uma criminosa.

Apenas três pessoas eram boas para ela.

A primeira, a boa velhinha com quem vivia e lhe servia de mãe, a boa tia Maria, fiandeira de profissão, que não temera a desaprovação do proximo e a acolhera com todo o carinho que lhe trasbordava da alma, rodeando a criança abandonada de santo amor. Fôra á sua porta que, onze anos antes, em uma linda manhã de Primavera a fôra encontrar, lindo bebê gordo e rosado, de abundante cabeleira anelada como uma cabecita de S. João. pequenina, a uma pneumonia, a boa da tia Maria perfi-lhara aquela desconhecida que caíra do Céu, para lhe ro-dear a velhice, que começava a invadi-la, do reconforte de uma viva e ardente afeição, de uma adoração terna e melga.

A pequenina, que misteriosamente aparecera á sua porta, vinha embrulhada em roupas finissimas de álvo linho de niveas rendas de preço, e, ao pescoço trazia, como unica indicação, uma cadeia fina de ouro onde pendia uma medalha com um nome gravado — Dulce. Mais nada.

Ela e o bom cura — o seu segundo amigo — o seu professor, tinham feito toda a diligencia para saber de onde vinha a criança, quem eram seus pais, mas tudo em vão, o mais asoluto mistério a cercava e apenas um lenhador, o Vincente, vira na madrugada do dia em que apparecera a engatadinha, um homem alto e espadado; tipo de ma-

ritimo, trazendo nos braços um fardo escuro e que se dirigia apressado para a aldeia.

Passara-se o tempo; os dois velhinhos desesperavam já de saber quem era a familia da pequena, e esta, na sua amizade por eles, quasi chegava a pedir a Deus que nunca se descobrisse, com médo que a roubassem ao amor dos dois velhos amigos.

E Dulce fôra criada áparte das outras crianças, só com o seu rebanho, muitas vezes, horas e horas pela serra, ajudando a ganhar o pão da mulher boa que com ela compartilhava quanto tinha.

E era mais feliz na companhia dos seus queridos carneirinhos, na solidão dos montes, sôb o copado arvoredado acolhedor e pródigo de frêscura e boa sombra, do que na aldeia, entre a gente que a maltratava e se afastava dela como de bicho venenoso.

Demais, que fôra no monte, na vizinhança de Deus e das velhas arvores seculares, que travara conhecimento com o seu amigo António, um bom pequeno que lhe não chamava «Engatada» e a rodeava de ingénuas atenções.

Fôl ele, mais uma vez, quem a veio arrancar da vergonha e tristeza em que ficára imersa, e que, pela mão, a arrastou a caminho de casa, cheio de solicitude.

— Porque estás tão triste, Dulcezinha?

Ela levantou para ele os seus soberbos olhos de veludo negro e, em voz abafada pelo desgosto, ripostou:

— Porque será que todas me querem mal? Eu não quero mal a ninguém!

— Tu és um anjo e elas têm inveja do que diz de ti o senhor cura. Ele bem sabe que tu és a mais esperta e melhor de nós todas. E' o que as faz serem assim más para ti. Deixa-as lá; tu ainda has de vir a ser rica, um dia. Tenho cá esta idéa!

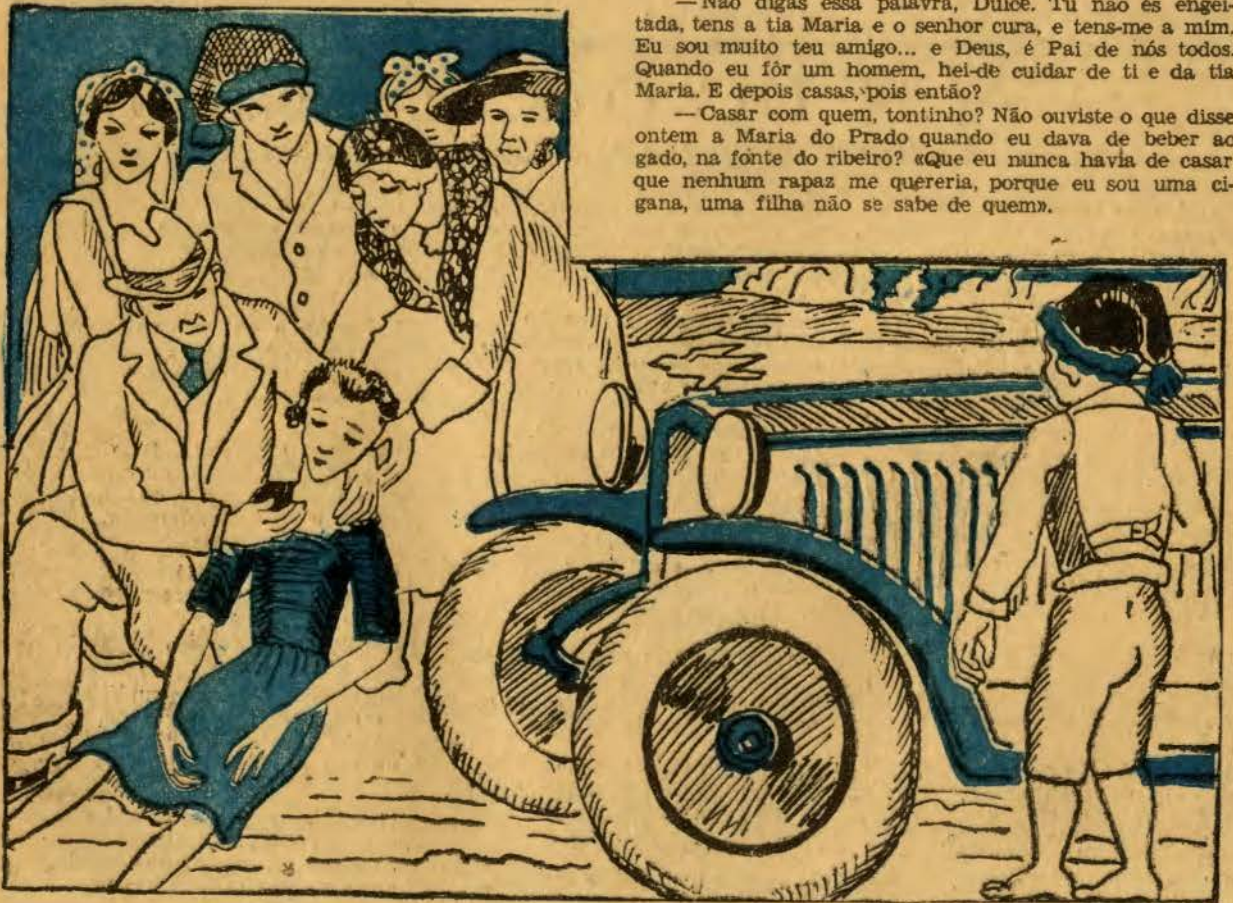
Ela sorria e, beijando-o ternamente — respondeu:

— Tu és muito bom, Antoninho, e tu, é que has de vir a ser rico como um senhor. Se não fôsses tu, o que seria da pobre engatadinha? murmurou tristemente.

António parou no meio da estrada, uma expressão de mágoa enchendo-lhe as feições e marejando-lhe os olhos de água.

— Não digas essa palavra, Dulce. Tu não és engatada, tens a tia Maria e o senhor cura, e tens-me a mim. Eu sou muito teu amigo... e Deus, é Pai de nós todos. Quando eu fôr um homem, hei-de cuidar de ti e da tia Maria. E depois casas, pois então?

— Casar com quem, tontinho? Não ouviste o que disse ontem a Maria do Prado quando eu dava de beber ao gado, na fonte do ribeiro? «Que eu nunca havia de casar que nenhum rapaz me quizeria, porque eu sou uma cigana, uma filha não se sabe de quem».





Antonio pegou-lhe na mão e, abraçando-a, disse muito meigo e afectuoso:

— Deixa-a falar! Ciganas são elas que não têm coração nem bondade; agora tu és a minha Dulce, ouviste? A minha irmã, a minha amiguinha, e se não aparecer outro marido... caso eu contigo, queres?

Dulce olhou-o comovidamente e, alegre, aquiesceu.

Pelo caminho faziam projectos.

— Quando casarmos havemos de ir guardar o gado juntos, sim? pediu ela.

— Agora!... E quem fica em casa a tratar dos nossos filhos? Tu ficas em casa a fazer o jantar como a minha mãe e eu hei de ter umas terras para amanhar? Valeu?

E, nestas despreocupadas conversas, chegaram à porta de casa da tia Maria.

Uma velhinha de cabeça toda nevada, fiava á porta, sentada numa cadeirinha baixa e um cão felpudo, o Dragão, dormia-lhe aos pés. Logo que os avistou, o cão pôs-se aos pulos e correu a saudá-los com festas e ladridos de alegria.

A velhinha sorriu ao par infantil, um olhar de infinita doçura, envolvendo-os como uma benção de avózinha.

Depois despediram-se, e António, chapeu esburacado para a nuca e seguido pelo seu cão fiel, desapareceu numa volta da estrada, enquanto as duas se sumiam na porta da modesta casita, a caminho do jantar.

*
*
*

Passaram-se os dias sempre iguais para Dulce, a pequena pastora de triste olhar magoado, escorraçada da vida das outras crianças, pela perversidade do mundo, sempre entre o seu nédio rebanho obediente á sua meiga voz.

Entre os dedos agéis e finos, o fuzo corria veloz, tecendo o fio branco de linho que a tia Maria transformava em tecido igual e perfeito, e não raras vezes, enquanto lhe rodopiava entre os dedos o fuzo diligente, elevava a voz contando, em ingénuos versos, ao rebanho confiante, as penas que lhe enchiam o coração.

Nessa tarde fria de primavera, a pastorinha descia pela íngreme estrada em torcícoles, atrás do seu rebanho tilintante de agudas campainhas, a roca debaixo do braço e olhos perdidos pela aldeia, que, entre ténues veus de nebrina, se mostrava lá em baixo em redor da igreja de esgulo campanário.

E enquanto caminhava, Dulce, ia pensando o que haveria para lá daquelas montanhas azuladas que se per-

diam ao longe, na linha esmaecida do horizonte, e perguntando, de si para consigo, se também por lá haveriam engeitados como ela, e se as crianças seriam tão más, tão egoístas! Mas nisto, quando se aprontava para passar com o rebanho, a ponte do ribeiro, um automovel surgiu a toda a trida do lado oposto.

Um grito de terror escapou-se-lhe dos lábios, e, num impulso irresistível, para livrar da morte um assustado cordeirinho, atirou-se para a frente, expondo a vida.

Uma dór violenta no peito, um choque brutal e Dulce caiu no chão sem sentidos.

Acorreram, aflitas, as lavadeiras curiosas, gritando improperios ao atarantado echauffeurs, mas, ao verem a atropelada, acalmaram.

— E' a engeitada! gritou uma, que era má.

— Não se perde grande coisa! sentenciou outra, afastando-se.

Mas já a pequena era levantada, carinhosamente, pelos braços do dono do carro, um homem novo ainda, de rosto severo, mas bondoso. Uma senhora chorava enternecida ao vêr o rostozinho livido da criança, avermelhado de sangue.

Depois de lavada a ferida, o desconhecido, que tra um distinto médico, verificou que não era de gravidade e sossegou a mulher com palavras, docemente inérgicas, dando-lhe corágem.

E quiz informar-se a quem pertencia a pequena, para a levar no carro até a casa.

Com modos delicados, um rapazião prontificou-se a ensinar-lhe o caminho para casa da tia Maria. Era António que ia a passar e reconhecera Dulce, ferida, ao colo de uma senhora, desconhecida.

O automovel partiu, seguido pelos olhares curiosos do povolet, que se juntara, mais por curiosidade do que por pena do ocorrido; alguns gaiatos seguiram-no, correndo, prontos a rodeá-lo quando parasse, para se remirarem no brilho dos metais e analizarem aquele carro tão lindo, como nunca tinham visto outro.

Ao chamamento de António, acorreu a boa velhinha,



alarmada e chorosa, ao vê a sua pequenina Dulce, branca como uma morta, trazida ao colo por um rico senhor.

Mas em breve sossegava, ao ouvir o médico afirmar que não era nada de cuidado, e chorava de alegria ao vê a pequena abrir os lindos olhos, primeiro assustados e incertos, depois inteligentes e doces.

Trocaram beijos e lágrimas e depois de terem deitado a doentinhah na sua camita pobre, de tóscas ripas de madeira, saíram para a cozinha.

— Como se chama a sua filhinha? perguntou a senhora, morena e de lindos olhos de moura encantada.

Mas a tia Maria, sorriu tristemente ao dizer:

— Ela não me é nada, minha senhora, recolhí-a há onze para doze anos.

— E' engatada?! exclamou a desconhecida pondo as mãos, com lástima.

— Chamam-lhe assim, que eu, para mim acho que foi roubada aos pais em pequenina. E' para mim mais do que filha, é a minha unica alegria. E, em voz entrecida e suave, contou-lhe a historia singela da pastorinha.

Enquanto falava, o médico aproximara-se e ambos os desconhecidos, de mãos dadas, a escutavam ansiosos e mais interessados.

Quando a boa velhinha acabou, ficou perplexa com o efeito que a sua historia produzira nos rostos dos seus exaltados ouvintes.

A senhora chorava e tremia, pálida e nervosa, enquanto o marido a apertava nos braços, comovido, mas tentando sossegá-la.

— Vocemecê tem o cordão com a medalha que a criança trazia ao pescoço? perguntou com voz ansiosa.

— Tenho, sim senhor, ali naquela arca, e tambem as roupinhas que trazia vestidas e que guardei sempre na esperança de com elas encontrar o paradeiro dos pais. Querem vêr? disse entre intrigada e triste.

Uma luta pavorosa se lhe ateou no coração.

Percebera que chegara a hora de escolher, que Dulce encontrara os pais, como tanta vez pedira fervorosamente a Deus e a idéa de ficar sózinha, de perder o amor e os carinhos da sua pequenina, que era tudo o que mais amava neste mundo, parecia-lhe impossível de suportar.

Se quizesse nada diria áqueles desconhecidos que tinham podido viver onze anos sem a filha, que fora roubada, e eles partiriam; Dulce continuaria a pertencer-lhe, a dar-lhe exclusivamente o seu amor. A tentação era grande, mas a bondade venceu e como verdadeira cristã, a velhinha pensou o que ella teria sofrido se lhe roubassem a sua filha em vez de ter ido para Deus!

Com um fundo suspiro doloroso e triste, de sacrificio, abriu a pesada tampa da arca de castanho, onde guardava as suas poucas riquezas e, ante os olhos ávidos dos desconhecidos, abriu um lenço de seda branca.

As roupas alvas de linho desdobraram-se, adornadas de finas rendas e, com um grito rouco e comovedor, a mãe abraçou de encontro ao peito os fatinhos de criança.

Mil palavras sem nexo, saíram dos lábios dos felizes pais que encontraram a filha unica que julgavam perdida para sempre e, entre beijos e abraços esqueceram quasi a tia Maria.

A figura modesta, apagada da velhinha devisava-se mal, na escuridão que invadia já a casa e ninguém a viu solihar devagarinho, desoladamente.

A porta abriu-se e a silhueta austera e doce do senhor cura, descobriu-se no fundo rubro do céu, no esplendor do pôr do sol.

Logo uma luz surgiu nas mãos trémulas da tia Maria e, enquanto os pais e a filha se beijavam e deliciavam com caricias e meiguices, os dois velhinhos pararam no meio da cozinha ladrilhada.

— O que vai ser de mim, senhor cura, sem a minha Dulce?! Murmurou a voz resignada, mas repassada de tristeza, da boa criatura.

— Deus faz tudo pelo melhor, boa amiga, não desespere. E como a responder á consolação do velho cura, a voz meiga de Dulce chamou, do quarto:

— Mãezinha, não vem para o pé de mim e desta senhora?

A voz docemente repreensiva da velhinha, replicou-lhe, acariciando-lhe a negra cabeleira:

— Deves, agora, acostumar-te a chamar «Mãe», a esta senhora, minha pequenina.

Eu não te sou nada!

Mas a teimosa pequena, beijando-a ternamente, enquanto abraçava a verdadeira mãe, replicou prontamente:

— Esta senhora é a minha mamã, e vocemecê é a minha mãezinha; nós já combinámos. Tenho de hoje para o futuro duas mães; que feliz eu sou!

A voz rouca e rude do senhor cura, perguntou da porta:

— E eu, que te sou, então?

— O senhor cura é o meu avô, e o António... onde está o António?

Uma voz discreta e alegre respondeu-lhe do lado da cozinha.

— Estou aqui!

E rodeando a cama da feliz doente, que não trocava o seu tóxico leito por um trono de rainha, sentaram-se em cadeiras que a dona da casa trouxe.

O dr. Lencastre contou como ele e sua mulher julgaram ter perdido a filha num naufrágio. Como fora grande e trágico o momento em que, num terrível engano, lhes tinham arrebatado dos braços a pequenina, para a entregar a outra senhora, que ia em uma lancha cheia já de crianças e senhoras, e como lutaram desesperadamente com a morte, que a todos os momentos ameaçava tragá-los, a cada onda alterosa que os submergia e cegava.

Como sofreram, arrastando a custo, nos braços, a mulher delirante de horror e louco desespero.

Depois, as buscas infrutíferas num país estrangeiro e a notícia do naufrágio da lancha trasbordante que se submergia à vista dos marinheiros, impotentes para salvar os naufragos, numa praia cheia de escólhos e com a fúria terrível do mar.

Anos depois, tinham tido um vislumbre de esperança, com a afirmação de que escapara uma criança salva por um possante marinheiro, mas, por mais que procurassem indagar, nunca lograram encontrá-lo nem um, nem outro.

E agora, já perdidas as esperanças para ele, vinha acompanhar sua mulher à romaria da Senhora da Confiança, em que ela tinha tanta devoção que esperava dela o milagre de lhes restituir a filha há tanto perdida.

E solenemente, tirando da carteira um livro de cheques, escreveu nele uma enorme quantia, que entregou ao atarantado padre, dizendo comovido:

— Aqui tem para os seus pobres, senhor cura, a festa este ano será feita por mim e quero-a o mais grandiosa possível.

Para provar-lhe o meu agradecimento, edificarei em uma das minhas casas, um asilo para enfeitados, onde gozarão de tudo o que lhes for útil e bom.

E, contando a sua história ao cura, disse-lhe que era filho da terra e que viria viver na aldeia para não separar Dulce dos seus preciosos amigos.

Passados anos, oito longos anos, repicavam festivamente os sinos da ermida do alto da serra.

Ante o singelo altar onde sorria a «Mãe de Deus», pálida e doce no seu vestido de sêda branca recamado de bordaduras de ouro, o senhor cura, mais velhinho e alquebrado, abençoava enternecido, um par galante e feliz, ajoelhado a seus pés.

O rosto moreno e lindo de Dulce, hoje uma menina de esmerada educação e alma de bondade peregrina, sorria comovido e feliz para o noivo que, a seu lado, se recolhia em grave arrebatamento. Quem olhasse de perto, facilmente veria nesse distinto rapaz, o mesmo bom e rude Antônio que guardava o rebanho em companhia de Dulce, e a protegia contra a maldade das outras crianças.

E, quando já pelo braço do marido, Dulce seguia entre as filas de aduladoras curiosas, relembra a diferença do tempo antigo em que era a Enfeitada, e hoje, noiva feliz, filha amada e extremecida.

E os olhos encheram-se-lhe de molhada ternura ao pousarem-se nos rostos doces e queridos dos pais, na cabeça branca do velho cura amigo, e pararam, com indizível ternura, nas faces enrugadas e regadas de lágrimas da boa tia Maria, para se virarem, em amoroso extase, para os olhos meigos do seu esposo, o seu bom e querido Antônio.

F I M

PARA OS MENINOS COLORIREM



O Semnopiteco Nasico — (Semnophitecus Nasalis)

A esperteza do Quim Luis



I — João da Costa Florêncio,
já prestes a caducar,
era chefe duma agência
e velho lobo do mar.



II — O seu filho Quim Luis,
esperto, vivo e magano,
era, apesar de petis,
velho amigo do Oceano.



III — Certo dia, o Pai chamou
o marinheiro Zé Couto
e logo ali lhe ordenou
que lhe arranjasse um piloto.



IV — Quim Luis, que tal ouvia,
põe-se a correr apressado
para ver se descobria
o piloto desejado.



V — E avistando, o nosso Quim,
que não tem momentos de ócio,
o homem do amendoim
a fazer o seu negócio,

VI — Por o ver com seu barquinho
pensou: — «eis o que é preciso!»
E foi leva-lo ao Paisinho,
que ia perdendo o juízo...